



## Fique com Deus, Zé Carlos

Nos últimos 40 anos, a área de atuação da estimulação cardíaca artificial experimentou um avanço excepcional em aplicações e inovações tecnológicas. A título de comparação, é como se estivéssemos no 3º andar de um prédio em 1978 e alcançássemos hoje o 20º pavimento do mesmo edifício. Cabe destacar, entretanto, que a altura final desta edificação imaginária é infinita. Eu, particularmente, quando comecei a atuar na área, entrei pelo 3º andar. Naquela ocasião, o dispositivo de ponta era o marcapasso de demanda programável em frequência e largura de pulso. Ao ingressar, encontrei dois mestres que haviam participado da fundação desse prédio hipotético. Seus nomes? Dr. Décio Silvestre Kormann e Dr. José Carlos Silva de Andrade.

Não foram eles os primeiros a implantar marcapassos no Brasil. Entretanto, foram pioneiros que se dedicaram e sobressaíram-se na formação de uma especialidade. Tornaram-se referências em âmbito nacional e internacional. O Décio Kormann tinha como ancoradouro o Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia e o José Carlos, o Hospital São Paulo e a Escola Paulista de Medicina. Com formação médica e científica excelente, ambos se dispuseram a divulgar seus conhecimentos, contribuindo assim para a formação de novos profissionais. Fizeram isso por meio de inúmeros cursos preparatórios ministrados Brasil a fora, além de congressos, palestras, publicação de artigos e programas de residência médica em suas instituições de origem. Em 30 anos de árduo trabalho, auxiliaram mais de 300 profissionais a se firmar na área da estimulação cardíaca artificial.

Na teoria, eram rivais. Na prática, grandes amigos e companheiros. São inesquecíveis as discussões que proporcionavam à comunidade científica defendendo posições opostas. Em 1978, por exemplo, Décio defendia a técnica endocárdica de implante e José Carlos, a epimiocárdica. Um preferia o cabo-eletrodo unipolar e o outro, o bipolar. Sempre amparados em argumentos científicos de última geração. Nos congressos, as salas em que se apresentavam ficavam repletas, todos atentos e recebendo o conhecimento necessário para um novo estágio do saber. Fato curioso: as rixas nunca tinham caráter agressivo, e sim um excelente toque de humor, costumeiramente iniciado pelo José Carlos e respondido com diplomacia por Décio Kormann. Eu e outros colegas que também entraram pelo 3º andar da estimulação artificial aprendemos admirar e respeitar esses dois ícones da especialidade.

Décio deixou este mundo em 1998. O Dr. José Carlos nos deixou neste mês de junho, depois de árdua e heróica batalha.

Tive o privilégio de tê-los muito próximos. Décio foi meu mentor profissional e compadre. José Carlos, meu grande amigo. No plano profissional, José Carlos e eu fomos os primeiros editores da antiga **Rebrampa**, que se tornou a atual **Relampa**. Escrevemos em conjunto inúmeros artigos que mereceram publicação. Durante os nove anos em que fui editor solitário da Revista, sempre tive no José Carlos um poderoso conselheiro. No plano familiar, nossas esposas tornaram-se amigas, assim como nossos filhos. Nos Congressos nacionais e internacionais, viajávamos juntos. Juntos conhecemos boa parte do mundo. Foram momentos inesquecíveis e que marcaram de modo definitivo nossas vidas. Nestas viagens, nas horas de lazer, pouco debate sério e muita conversa fiada. Pouco compromisso e muita piada. José Carlos, com seu humor e disposição, animava o grupo. Alguns exemplos: ensinou a fazer pizza brasileira em uma pizzaria italiana na cidade de Torremolinos, Espanha. Escreveu seu nome no muro de Berlim, que hoje não existe mais. Deu uma volta com o carro acelerado no circuito de Mônaco. Atravessou as dunas de Natal, RN, dirigindo um jipe em alta velocidade. E construiu sua casa na cercania da represa Guarapiranga, em São Paulo, onde viveu por quase três décadas. Nesse local, seu ancoradouro oficial, desfrutou a companhia de sua esposa e companheira Bela, educou seus filhos, recebeu os amigos para intermináveis churrascos e recarregou suas baterias para vencer o dia a dia de sua profissão.

Bela, aliás, é merecedora de nosso reconhecimento e solidariedade, por sua atitude exemplar, desde o primeiro momento em que se soube da gravidade da doença do marido. A forma digna, companheira e esperançosa com que lidou, primeiro com a situação de seu filho Fernando e depois com a do José Carlos, mostram sua nobreza e indispensável força espiritual.

José Carlos deixa também dois amados filhos: O Júnior, competente odontólogo e a Veridiana, cirurgiã cardíaca de futuro promissor. Ambos dedicados à família e a suas profissões. Exemplos dignos do pai. Missão cumprida, Zé!!!

Mas José Carlos deixa muito mais. Os exemplos a serem seguidos, as orientações que serão sempre cumpridas e a visão científica crítica e apurada. Deixa também um currículo invejável, no qual se constata sua participação ativa em todos os momentos destes últimos 30 anos da especialidade. Foi presidente do **Deca**, de congressos, participou de mesas-redondas, proferiu palestras, ministrou cursos, coordenou simpósios. Seus trabalhos e artigos científicos receberam prêmios em eventos científicos. Escreveu inúmeros artigos. Realizou milhares de cirurgias e salvou muitas vidas com suas mãos experientes e ágeis. E deixou amigos. Muitos amigos. Admiradores.

Sempre me lembrarei deste junho de 2008. Com diferença de alguns dias perdi duas referências pessoais. Primeiro, Jorge Elias Gauch, o Jorgito, meu amado, amoroso e inesquecível pai e, em seguida, José Carlos, um dos amigos mais queridos que ganhei na vida. Para mim, é como perder dois pilares. Duas preciosidades raras. Dois conselheiros. Dois comparsas. Foi talvez por conseqüência dessa minha afinidade com o José Carlos que recebi o honroso convite da Diretoria do **Deca** para escrever esta coluna em sua homenagem. Ela poderia ser escrita em um tom mais sóbrio, menos intimista. Mas estaria contrariando o modo de viver do Zé Carlos. Quem o conheceu há de concordar comigo.

Finalizo, tornando pública uma foto tirada em 1985 nas ruas suburbanas da velha Lisboa, Portugal. Não é a melhor, nem a mais fotogênica das inúmeras fotografias que tiramos ao longo de nossas vidas. Mas registra um dos muitos momentos mágicos que vivemos. Bela canta um fado e José Carlos, orgulhoso, anima a audiência. Vanessa, minha mulher, está no centro, ao fundo. E eu, brinco que sou o empresário da Bela e bato a foto. Bons momentos. Éramos jovens e tínhamos muitos planos e sonhos que compartilhávamos. Felizmente, a maioria deles se realizou. Adeus, meu querido amigo. Você é inesquecível e insubstituível. Espero somente que Deus continue a olhar por nós que aqui ficamos, pois você, Ele certamente vê de perto. Fique com Deus, Zé Carlos.



Em um passeio pelo subúrbio de Lisboa, tal era nossa animação que Bela, incentivada pelo Zé Carlos, iniciou a cantar um fado. Logo se formou uma roda de populares ao seu redor e das janelas que se abriram ouviram-se aplausos. Momento mágico.

**Paulo R. A. Gauch**  
Editor da **Reblampa**

Período de janeiro de 1992 a março de 2000